



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CPI - FUNAI E INCRA			
EVENTO: Reunião Reservada	REUNIÃO Nº: 0272R/16	DATA: 11/04/2016	
LOCAL: São Félix do Xingu - Pará	INÍCIO: 19h41min	TÉRMINO: 20h52min	PÁGINAS: 38

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO
RODINEI ESCOBAR XAVIER CANDEIA - Procurador do Estado do Rio Grande do Sul. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados. ELÓI VIANA DA SILVA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA. JÂNIO FERREIRA DA SILVA. JOÃO CLEBER - Prefeito de São Félix do Xingu, Estado do Pará. DENIMAR RODRIGUES - Ex-Prefeito de São Félix do Xingu, Estado do Pará.

SUMÁRIO

Diligência técnica em São Félix do Xingu, Estado do Pará.

OBSERVAÇÕES

Grafia não confirmada: Dr. Aspadi. Há oradores não identificados. Houve intervenção fora do microfone. Inaudível. Há palavras ou expressões ininteligíveis.
--





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A equipe técnica da CPI - FUNAI e INCRA, da Câmara dos Deputados, está na cidade de São Félix do Xingu, hoje, fazendo uma diligência técnica na área da Fazenda Belauto. O INCRA está fazendo a retirada de 110 famílias que considera que ocupam irregularmente esta área e anuncia que irá fazer o assentamento de mais famílias que ocupam a área da Reserva Indígena Apyterewa.

Toda essa área está sob discussão judicial, tanto a da reserva — trata-se de uma ampliação — quanto a da própria fazenda, sobre a qual, aparentemente, o INCRA não consolidou a situação jurídica. Pudemos observar, no local, uma grande insegurança e comoção, tanto das pessoas que estão potencialmente sendo retiradas como das pessoas que lá estão e que não possuem assistência nem o cumprimento, segundo eles, das promessas que o INCRA havia feito.

Estamos aqui e vamos ouvir o Sr. Elói, o Sr. Jânio e a D. Maria das Graças, que são conhecedores da região e que vão nos narrar tudo o que aconteceu na área que hoje está sendo pretendida para ampliação da Reserva Indígena Apyterewa.

Sr. Elói, o senhor poderia nos contar como é que o senhor veio para a área, o que o senhor conhece, como é que se deu a ocupação, se havia indígena, se não havia? O senhor pode nos narrar bem detalhadamente, por favor?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Positivo. Posso, sim. Na época, eu era seringueiro. Depois, eu arranjei mais um recurso, e o meu patrão, lá, para quem eu trabalhava, achou que deveria dar esse seringal para mim, passar para o meu nome. Aí eu aceitei. Eu vim em 1971, maio de 1971. Nesse tempo, ninguém queria vir para esta terra aqui. Eu fui o primeiro morador de lá. Eu andava lá e nunca tinha visto índio, nunca tinha visto nada. E falei: *“Não, eu vou”*. E todo mundo: *“Rapaz, como tu vai levar tua família para a terra dos assurinís?”* Porque ninguém ouvia falar em parakanã. Não existia parakanã lá. Aí eu vim. Cheguei, fui trabalhar e comecei a me dar bem, não é? Aí, foi, foi, foi. Depois, eu fui ao Tapajós e vi o garimpo de um primo meu. Eu falei para ele: *“Edvaldo, lá eu tenho um setor que tem umas grotas desse jeito”*. Ele disse: *“Rapaz, vai lá dar uma olhada”*. Aí eu trouxe de lá dois garimpeiros, porque aqui não tinha, e nós achamos esse ouro. Deu certo. Trabalhamos, na primeira etapa, carregando carga nas costas. Mas eu, muito experiente das coisas, falei: *“Rapaz, eu vou ver se consigo fazer uma pista”*. Porque, naquele tempo,





ninguém conseguia isso também, não. Aí, eu fui lá com um amigo meu, um geólogo. Ele disse: *“Não, deixe que eu vou conseguir para você fazer sua pista”*.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual era o nome desse geólogo?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Do rapaz que eu consegui?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O geólogo.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah, o geólogo era Dr. Aspadi. Ele não era brasileiro. E ele conseguiu. Eu fui, fiz a pista, e eu pensando que ele tinha algum interesse. Não. Quando terminou, ele disse: *“Não, Elói. É só para ti mesmo. Pode ficar para tu trabalhares”*. Então, eu trabalhei o primeiro ano bacana. Quando foi no outro ano, em agosto, os índios apareceram lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em qual ano?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Isso foi em agosto de 1983. Eles apareceram lá, e eu não estava. Eu estava aqui. Aí o piloto correu, chegou aqui e me disse: *“Rapaz, está cheio de índio na tua pista”*. Aí eu fui, cheguei lá, e eles já tinham saído. Com uns 3 dias...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eram quantos?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não dava para contar porque não veio tudo de uma vez. Com uns 3 dias, eles vieram de novo. Aí veio mais. Vieram crianças, veio tudo, não é? E tudo com fome. Então eu vim aqui e falei no rádio do Banco da Amazônia, porque não tinha telefone, o rapaz me atendeu — o banco era pertinho da FUNAI — e foi lá. Eu era conhecido do pessoal da FUNAI, e eles vieram. Passei para eles. Eles disseram: *“Rapaz, é o seguinte: nós vamos comunicar a Brasília, porque Brasília é que vai tomar essa providência, e aí você vem aqui”*. Eu fui. Quando eu cheguei lá... Eu tinha dois primos dentro da FUNAI, sertanistas, e eles disseram para mim: *“Rapaz, é o seguinte: esses índios não estavam por aqui, mas chegaram, não é? Apareceram.”* Eu disse: *“Com tudo, com menino, com tudo”*. Então, eu vim para o garimpo primeiro, e depois o rapaz veio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é o nome dos seus primos?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Afonso e Raimundinho.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles são da FUNAI de onde?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eles já são falecidos. De Altamira. O Raimundinho já é falecido. O Afonso, não. Tá velhinho... 81 anos! Ainda tá vivo. Eles vieram, mas o avião deles não ia até a minha pista. Então, eu dei o avião que trabalhava para mim para que eles fizessem o serviço deles. E com isso eu ganhei a amizade do rapaz. Ele disse assim: *"Rapaz, se você sair daqui vai perder tudo que você tem"*. Eu disse: *Não, eu estou à disposição de vocês, os índios chegaram ali, não é?"* Eles foram ver que tinha um índio que, quando eles brigaram lá, e separaram, na beira da Transamazônica, eles ficaram com dois. O chefe era o Luiz Moreira. Aqui não tinha quem falasse parakanã também não; intérpretes deles, não. Só kaiapó. Aí ele colheu esses dois. Eles pegaram e foram. Eles os trouxeram mais ligeiro porque tinha esses dois. Só que quando eles chegaram à pista, ele não quis que eles ficassem lá na pista. Fez um acampamento afastado. E eles ficaram lá. Eu falei para ele: *Não, Wellington, por mim, não se preocupe não. Eu vou-me embora, né, porque já tá assim...* E ele disse: *Não, também não é assim, não. Você acredita que esses índios eram tudo magro, com as costelas de fora, porque não tinham o que comer? Eles não tinham acampamento, eles estavam viajando todo o tempo. Aí eu os levei lá na minha roça. E eu disse: Olha aí, Wellington, essa roça está à disposição de vocês.* E ele: *"Rapaz!"* Aí já levamos o avião carregado de banana, macaxeira, inhame, tudo para eles lá... E então eles viram e disseram que não queriam ficar lá, não; queriam vir para cá, para frente. E eles os trouxeram. Demorou muito para chegar. Era longe, muito longe.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Certo. Para nós entendermos, eles apareceram lá com fome, magros, vindos de onde?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Vindos da Transamazônica. Agora, eu não sei qual era o local.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Da Transamazônica?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É. Eu não sei o local.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas o senhor sabe qual é a distância da Transamazônica para o local onde o senhor estava?





O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Rapaz, era longe. Eu não sei, porque é aquela velha história. Isso foi em 1983, já tem muito tempo de lá para cá. A gente não recorda.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sim, mas o senhor diria o seguinte: é longe, muito longe?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É longe. Perto, não é, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A pé, eles demorariam...

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah, a pé, eles bateram muito tempo de lá. Eu digo que é longe de ônibus, porque vai pela estrada, é longe de avião...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - De avião, demora quantas horas?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - De avião 210 dá uma faixa de 1h40min... De 210!

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Dá 1h40min? Nós estamos falando de algo em torno de 150 quilômetros?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah, dá uns 400 quilômetros.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - São 400 quilômetros?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É, dá quase 400, porque o 210 voa a 200 quilômetros por hora. Vai dar quase 400 quilômetros. Em rumo reto, né? Agora, quando eles chegaram lá, eu não demorei muito, porque eu já tinha ganhado um dinheirinho. Eu tinha oito filhos e precisava botar todo mundo na escola. Eu já tinha casa em Altamira. Aí eu fui embora e me mudei para Altamira.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quando eles chegaram lá, o senhor, pelo que eu entendi... Quem era a pessoa que estava junto com o senhor lá? Era um sertanista?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não, eles vieram depois, os sertanistas. Eram dois primos meus, e esse outro era chefe, o Wellington. Morava lá em Brasília. Agora, o...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Era chefe da FUNAI?





O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Da FUNAI. Agora, o seu Cid era o chefe geral. Esse vinha de helicóptero. Ele ia lá para casa, pousava... Ele não conversava com ninguém, mas comigo, ele me dava atenção. Ele chegava lá em casa, eu mandava matar galinha. Minha casa era boa. Era na beira do rio, mas boa. Feita de cavaco, piso de cimento. Eu tinha fogão, eu tinha tudo. Ele dormia lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E eles lhe disseram que a terra era indígena, alguma coisa, ou não?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não. Eles fizeram o seguinte: antes de eu sair de lá desse lugar, eles mandaram o pessoal vir fazer o levantamento. Eles vieram, mas não me falaram nada. Os que vieram não me falaram nada, nada, nem disseram: *“Olha, isso aqui agora vai ser uma reserva”*. Esse tipo de coisa, não me falaram nada, não. Eu saí de lá porque eu já queria cuidar da família. Não foi porque eles disseram: *Não, vocês não podem ficar aqui, têm que ir embora*. Não! Eles nunca falaram isso para mim, não. Aí, eu fui embora. Mas eu sempre ia lá, porque eu tinha... Eu comprei avião, eu fazia voo, eu fiz uma pista bem na beira de onde era a minha casa, e eu voava para a FUNAI, direto. Aí eles fizeram o seguinte...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O local onde o senhor tinha o garimpo era perto da sua casa?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não. Era longe.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A que distância ficava da sua casa?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Dava 35 minutos de Skylane de lá da minha casa da beira do rio, do seringal, para o garimpo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E qual era o rio?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É no Bom jardim, mas é um braço dele: Teimoso. Nós o chamávamos Igarapé do Teimoso. É lá onde é a pista. É quase na cabeceira dele. Eu fiz a pista lá. Então, eu fiz conhecimento com eles, fazia voo todo dia, quase. Para lá, para essa...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Com quem?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - No meu avião.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, fazia voos com quem?





O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Minha casa era bem de frente à FUNAI. Então, quando eles queriam voar iam lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, a FUNAI se instalou na área que era sua? É isso?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É. Eles fizeram, eu não sei por que... Lá, todas as minhas casas eram boas, casas de cavaco, tudo arrumadinho, um lugar bom. Só que dava muita malária. O senhor acredita que dava malária demais? Eu acho que por isso eles não ficaram lá. Eles subiram. Ficaram em frente à casa da Graça. Não ficaram onde era a minha casa, não. Abandonaram tudo e foram embora para lá. Desse tempo, só alguns velhos estão vivos, mas quando eu chego lá é aquela maior alegria. Eles me dão a maior atenção. Eles me conhecem ainda.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Os indígenas?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É, os parakanãs.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Deixe-me entender: quando eles chegaram pela primeira vez, eles encontraram com o senhor no garimpo?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - No garimpo, longe.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Aí, o senhor sugeriu que eles fossem levados para o lugar onde o senhor tinha casa? É isso?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não, porque lá — eu falei para o Wellington — eu tinha o que eles comerem, porque, lá, coitados, é como estou falando para vocês... Tinha um cara que tinha uma máquina daquelas *polaroid*, que tira foto na hora e revela — aquilo desbota; eu tirei muitas fotos deles; eles não gostam que tirem foto deles, mas deixavam eu tirar, e eles entravam para dentro da cantina, e eu tirava foto. Era tudo magro, tudo magro. Como é o nome daquela doença que dá uma ferida? Tudo cheio de leish, quase todos tinham leish. Tinha um índio que eu queria que o senhor visse: o leish comeu o rosto dele quase todo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Leishmaniose?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É. Fazia pena aquela coisa lá. Doente e com fome. Eles não tinham o que comer.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O senhor consegue mostrar, neste mapa, mais ou menos, onde os índios chegaram pela primeira vez, em 1983?





O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eu não consigo, porque eu não enxergo. A diabete tirou minha visão.

(Não identificado) - Mas está marcado aqui. Este aqui é o ponto da pista. Levaram eles para se instalar na beira do Xingu. Está marcado aqui.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Era no braço de um rio que o senhor falou?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não, o rio era no rio mesmo. A pista era no braço, que era o Igarapé do Teimoso. Era um braço do Bom Jardim.

(Não identificado) - Não, mas tá aqui na boca do Bom Jardim. Bom Jardim é esse aqui.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Mas a pista é lá em cima. É no Teimoso.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Continue, então.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eu fiz lá na boca, que era para eu trazer mercadoria e levar. O voo era bem pertinho.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, continue. Conte.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Pois é, então, eu fui embora para Altamira, mas lá, é como eu estava falando para vocês, eu ia quase todo dia. E lá aconteceu outra coisa. Eles ficaram, depois das roças — não vieram para a roça, não —, e fizeram poço artesiano. Um dia, caiu um índio no poço artesiano. O cara que desceu para pegar ele — era conhecido meu — também ficou lá. Outro desceu e também ficou lá. Eles desconfiaram que era alguma coisa. Quando foram ver, era gás no poço. Aí, eles passaram um rádio para mim. Eu mandei o piloto vir buscar os corpos deles. Trouxeram gente de Belém para resolver o problema, para fazer uma limpeza. O meu avião que veio trazer também.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Era gás no poço?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Era gás no poço. Eles não quiseram mais ficar lá de jeito nenhum. Mudaram de novo. Morreram os três. Morreram dois brancos e um índio. O primeiro que caiu foi o índio. A sua menina não é casada com um do pessoal do Roque, não?





A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não. Tinha uma casada com o Assis.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah, o Assis, mas ele era da FUNAI.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Era da FUNAI.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Nesse tempo, era da FUNAI.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Ele já morreu.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - O Assis já morreu?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Morreu.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Morreram os índios, e aí?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Morreram, e então eles ficaram com medo, não ficaram mais lá. O parakanã não bebe água corrente. Só se bebe agora, mas tudo deles era na caçimba, tudo, tudo, tudo mesmo. Você chegava num acampamento deles no mato — depois, eu fui andar para ver, atrás de ouro mesmo, para ver se nós ainda achávamos outra grotá, e vi os buraquinhos deles na beira do igarapé, nas grotas. Não bebiam água corrente de jeito nenhum.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles eram parakanãs, então?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eram parakanãs. Aqui, nós não conhecíamos esse índio parakanã.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Eles foram para onde depois?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - São esses que estão aí.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Eles pagaram ao senhor?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - O Wellington foi para Brasília. Quando voltou, disse: *“Elói, é o seguinte: é uma realidade. Nós temos que dar uma ajuda nas coisas que você tinha lá”*. Eu disse: *“Não, rapaz, não precisa, não. Isso é gênero alimentício, não tem problema”*. Ele disse: *“Não, tem sim”*. Agora, eu falei para o Paulinho que eu não me recordo mais quanto foi. Eu sei que ele trouxe 12 cheques para mim, do Banco da Amazônia. Só que esses cheques eu botava um todo dia 1º. Foi por 1 ano a ajuda que eles me deram para receber. Agora, não recordo mais quanto foi, não, porque isso já tem trinta e tantos anos.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O cheque foi para pagar o quê?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - A mandioca, milho. A alimentação da roça, né? Para as outras coisas, não.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - A casa não entrou?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não, a casa não entrou no negócio lá. A casa era cara, se fosse pagar. Foi só... Foi só mandioca. Mandioca tinha muita. Eu tinha uma faixa de 2 alqueires de mandioca madura. Eles comeram por tempo. E eles não faziam farinha. Eles cortavam a mandioca, botavam no sol e pisavam no pilão, para comer. Não a torravam para comer. Agora, devem torrar, devem ter aprendido. E não tinha o forno, não tinha nada lá no mato. Pisava aquela farinha, fazia aquela massa e comia. Até que um dia eu vim fazer um voo. Aí, eu vim junto com o piloto. Quando nós chegamos lá, estava um monte de índio. Aí, a mulher que estava lá disse: *“Rapaz, se mataram aí no mato.”* Ainda hoje me lembro do nome do índio que mataram: Macaco. Lá tinha uma mulher, que era, assim, namoradeira, e que namorou com esses dois lá. Um dia se encontraram no mato e o outro flechou esse Macaco. Aí, eles queriam que eu trouxesse o índio para enterrar em Altamira. Aí eu disse: *“Não, só se a tua FUNAI autorizar. Vocês falam, ou alguém no rádio de vocês fala isso à FUNAI. Se autorizar, eu levo. Mas, levar por minha conta, não posso fazer isso não. De jeito nenhum”.* Aí, expliquei. Aí, já tinha um deles lá que já entendia o que a gente falava. Os outros, não; ficavam só achando graça. Mas esse entendia. Aí eu falei que não podia fazer isso, não. E o índio, lá no mato, morto, flechado.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantos eles eram quando chegaram lá?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Quando eles chegaram lá, o rapaz que era o chefe deles, lá... Como era o nome do cara? Rapaz, eu me esqueci. Pedro... Pedro Moreira, era? Era Pedro Moreira mesmo. Ele me disse que eram 73.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Setenta e três?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Todos índios. Agora, tem uns 3 anos que eu vi esse, e perguntei, eles me disseram que já tinham oitocentos e tanto, quase 900. Um dos velhos que falou para mim. Já estavam em quase 900 índios.





O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Eram todos filhos ou vinha gente de outro lugar?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não. É porque cada um deles, nessa época, tinha três mulheres. Cada um dos índios tinham três mulheres.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E onde esses 73 indígenas ficaram localizados lá foi feita a demarcação da área?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não, até quando eu estava lá, não fizeram, não. Eles vieram só fazer o orçamento, né? Mas não fizeram. Se fizeram, não falaram para mim. Não me declararam nada. Aí, eu fui-me embora, e pronto. Aí, depois, eu já fui para o Tapajós, fiquei para lá, para Santarém, para aquele mundo. Aí, perdi o contato direto com eles. Mas eu tinha contato direto com eles.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor conhece ali a comunidade Taboca?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - A Taboca eu conheço. A cidade lá eu conheço. Eu também voava para lá. Eu fazia voo para o pessoal, para os doutores, para o pessoal da Taboca. Nesse tempo, era Paranapanema o nome de lá. Não era Taboca, não, era Paranapanema. Virou Taboca já com os que estavam tirando o minério. Mas os que fizeram o levantamento... Era Paranapanema.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A Taboca é perto da aldeia indígena?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Olha, eu não me recordo bem, não. Depois que eles fizeram essas aldeias, eu não andei mais pelo rio. E quem vem de Altamira, por lá não passa. A rota de avião passa mais por fora.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não tem ideia de tempo de voo?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não tenho, doutor. Não tenho, assim, a mínima... Eu não conheço, assim, para dizer mais ou menos. Porque, um lugar que você conhece você tem uma ideia, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E em que ano o senhor conheceu ali Paranapanema, que se transformou em Taboca?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Paranapanema foi em 1987, porque eu já tinha avião.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Havia indígena ali?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não que eu saiba, e também nunca ouvi falar, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E esses indígenas que estavam lá, que o senhor ajudou a colocar lá na área, eles teriam condições de chegar até a Taboca, a pé ou de alguma forma?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Doutor, se tem, é sofrido. Lá é assim: nós tínhamos um nome, mas agora mudou. Lá, nós conhecíamos por Igarapé de São Sebastião. Então, a Taboca fica do lado de cá. Isso eu sei, porque eu entrei lá, uma vez, no Igarapé, atrás de ouro, num negócio de balsa, e eu vi, né? A Taboca fica do lado de cá e os índios eram para o lado de lá. Agora, a distância eu não sei, porque eu não fui lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E tem uma serra ali?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Tem, lá tem muita serra. Mas eu não tenho a aproximação delas, assim, para dizer: "*É aqui, é assim*", não. Não tenho a mínima.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor conhece essa área ali de São Francisco, onde foi feito o assentamento do INCRA?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Onde é São Francisco?

(Não identificado) - São Francisco perto da Peracchi. Vizinho da Peracchi.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É lá onde era o João da Peracchi?

(Não identificado) - Aquela vilazinha para cá do João.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah é. Rapaz, eu conheço o T.

(Não identificado) - Pois é, para frente ali.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Depois do T, é que é o São Francisco? Não recordo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Essa região é longe da aldeia dos índios?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não sei, porque eu não andei para lá. Você sabe por onde eu ia, Paulinho, ele até morreu agora, o seu Nazaro.





(Não identificado) - Pois é lá. Lá no seu Nazaro é São Francisco. Ali já é o começo do São Francisco.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ali é São Francisco?

(Não identificado) - É o começo.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Pois é. Eu ia para lá, mas, de carro assim, de caminhonete, eu não gravava. Seu Nazaro era ponto para nós comermos. Parávamos lá para almoçar.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Era longe do seu garimpo?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não era meu esse garimpo. Era do Joel Pinto.

(Não identificado) - Não, ele está falando do seu garimpo.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah, é. Lá é longe.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Longe do garimpo?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É. De lá para o meu garimpo, é longe.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, de lá para as terras também que o senhor tinha, que depois os índios ficaram, é longe?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É longe. Não é pertinho, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quer dizer, para os indígenas, essa vinda até São Francisco ou até Taboca é um troço...

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É longe. Olha, eu gastava, remando de canoa pelo igarapé, de lá de casa, eu que sabia trabalhar, 3 dias. Era 3 dias para eu chegar lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Três dias?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É, para eu chegar lá. É longe, onde abria a boca do igarapé, que eu entrava, e ainda gastava mais 2 dias para chegar lá na pista, lá no garimpo.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Cinco dias.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Cinco dias.





O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eram 5 dias de remo, remando a canoa. Quando o igarapé estava seco, eu gastava muito mais dias. Agora, quando tinha água, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor conheceu o sertanista que resolveu deixar os indígenas e colocá-los lá, criar uma área para eles?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eu conheci esse Wellington. Conheci assim, ele veio, o conheci, e depois ele foi embora para Brasília e nunca mais o vi. Era um cabra novo. Inclusive esses meus primos me disseram: *“Rapaz, você não vai conseguir nada com ele, não. Esse homem é ruim demais. Esse aí não dá colher. Esse homem cumpre as ordens”*. Eles falavam bem assim para mim. E, para mim, não existia pessoa melhor. Deus o via. Ela era uma pessoa boa, atenciosa. Ele me deu a maior atenção. Lá no garimpo, eu dei a cantina para eles ficarem, botar as coisas deles todas. Eu disse: *“Wellington, não precisa fazer casa aqui, não. Aqui já trago mercadoria, os caras vêm de avião e levam”*. Aí mandei ele ficar lá. Ele ficou lá e me agradeceu muito. Era um cabra novo, só tinha uma filhinha. Era casado. Ele trazia foto da filha dele para me mostrar. Lá em Brasília ele morava. Ele não veio morar em Altamira.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas ele disse ao senhor que iria demarcar área?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Até essa época, doutor, eles não tinham decidido nada. Ele não sabia de nada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em que época...

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ele só fazia o que Brasília detalhava.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em que ano foi isso?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Em 83.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em 83. E quem era mesmo o Presidente da FUNAI?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Seu Sid.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sid?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Sidney era o nome dele.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Que também ficava na sua casa?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Isso. Chegava lá de helicóptero e ia embora. Só pousava. Agora, o Delegado da FUNAI, o Delegado Regional era o Salomão — o nome dele. Esse era conhecido meu. Morava em Belém.

(Não identificado) - O Salomão era Superintendente em Altamira.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É. E depois transferiu para Belém e assumiu como Delegado Regional.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - E esse problema que está tendo hoje para marcar uma terra indígena maior, havia gente que morava lá? O senhor sabe falar um pouco disso? O que o senhor acha disso?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Se tinha alguém que morava?

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - É, porque eles estão querendo marcar uma terra indígena maior do que a tinha na época do senhor. Correto? O que o senhor sabe falar disso?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Ah, isso aí, eu não sei falar nada, porque eu não acompanhei e, para eu falar uma coisa que não acompanhei, eu acho que não compensa. Não compensa para nenhuma das partes.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Certamente.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eu tenho que falar sobre o que eu vi.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - E quando demarcou a área, por volta de 1980, houve algum problema com quem morava? O senhor sabe falar disso?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eu não sei falar, porque é como eu estou falando para o senhor, nessa época, eu estava em Tapajós, Santarém.

(Não identificado) - E, em 83, ele já tinha ido embora.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Foi. Eu já fui embora.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O senhor saiu em 83 e não voltou mais?

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eu saí no dia 6 de agosto de 83. Fui-me embora. Não sei mais como foi o processo.

(Não identificado) - Mas o senhor morou quantos anos na área?





O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Doze anos.

(Não identificado) - Doze anos.

(Não identificado) - Chegaram perdidos, pegando as coisas no barracão dos garimpeiros.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - *(Risos.)*

(Não identificado) - Eu lembro de uma briga que ele tiveram. Ele vinha brigar com os parentes lá na Transamazônica e vieram rasgando de lá para cá.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Agora que eu vim entender, porque a gente não acompanha essas coisas, a gente não grava assim, não tem... Aí, eu, conversando com o Paulinho, eu fui entender isso, né? Eu acho que, de onde era a aldeia deles, Paulinho, era entre o Repartimento, não é? Era ali. É longe. É longe.

(Não identificado) - É bem aqui. Pode ver. Aqui está escrito Repartimento.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - É. Pois é. Era pra lá. É longe. *(Riso.)* É muito longe.

(Não identificado) - Vem lá da Serra do repartimento.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Pois é. Isso aí eu não, eu não acompanhei.

(Não identificado) - A briga foi porque tinha três mulheres para um índio. Eles se matavam.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Foi. Dessa vez que eles chegaram aí rodados assim. Depois, uns garimpeiros meus que andavam pelo mato, aí, viram que não tinha roça. Eles viviam e não botavam roça, não. Era correndo mesmo, aí, andando, aí. O pessoal começou a cortar terra lá em 80. Em 80, eu topei com um pessoal aqui de Xinguara. Tu lembra do chapéu de couro daquele povo, né?

(Não identificado) - Lembro.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Eles estavam mandando cortar terra lá, e também não sei quem ficou. Se fizeram fazenda lá, eu não sei quem ficou. Inclusive um dos aviões meus eu comprei deles. No dia que eu passei lá na pista deles, o avião pousou. Aí depois eu comprei esse avião deles.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bem. Se o senhor se lembrar de mais alguma coisa, o senhor pode nos falar.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Está bem, doutor, mas eu acho que não, porque eu tenho que contar o que eu vi, né?





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bem, muito bem.

O SR. ELÓI VIANA DA SILVA - Não vai compensar.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu quero ouvir o Sr. Jânio.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Esse aqui é o projeto feito pelo INCRA em 93 e 94, em 93 e 94. Aí na época era o Presidente Estadual do INCRA, o Dr. Walter Cardoso. Nós tivemos várias reuniões com ele em Belém e em Tucumã. E aí, em 94, aí o INCRA fez um projeto para 500 famílias, só que levou 240 famílias. Esse aí é o cadastro das pessoas que foram...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em 93 e 94?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Em 93 e 94. Em 94, o INCRA levou, né, as 240 famílias. Eram para ser 500 famílias. Levou 240. Simplesmente soltou lá dentro do mato, não fez nada, não deu recurso nenhum. Os que tiveram coragem, teimosos como eu, estão lá até hoje, né, enfrentando hoje a FUNAI e a Polícia Federal. Agora o que eu acho mais engraçado é que na época que o INCRA nos levou para lá, a Polícia Federal foi junto dando apoio e segurança para nós. Hoje está lá a FUNAI com o INCRA e a Federal para nos tirar com taca, né? O apoio que a gente está recebendo lá é esse, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quando os senhores foram colocados lá, o INCRA disse para os senhores que a área era indígena?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não. Não. Depois de 2 anos, a gente ficou sabendo. Inclusive eu estive em Brasília várias vezes. Estive com o Ministro da Justiça, que, na época, era o José Gregório — ainda era o Fernando Henrique Cardoso —; o Presidente da FUNAI; o Ministro da Reforma Agrária, que era o Raul Jungmann; e o Presidente do INCRA na época, que eu não lembro o nome, né? Aí eles diziam que esses que são colonos assentados da reforma agrária da São Francisco eram prioridade, além de receber outra terra, vão receber indenização, uma indenização moral, né? Inclusive, agora, quando eles fizeram o levantamento lá, né, aí eles fizeram o meu, e aí tem outro irmão, né? Lá nós somos três: eu, meu pai e um irmão meu. Aí como o meu irmão não estava na época, né, por problema





de saúde, aí eles fizeram dois cadastros no meu nome, né. Aí eu falei: *“Não. Eu só vou assinar no meu, no do meu irmão, não. O dele quem vai assinar é ele.”* *“Não, então...”* Aí eles me deram um laudo de vistoria e já começaram a fazer, mas com o meu nome, né? Aí quando veio aquele laudo que eles falam de boa-fé e de má-fé, eu estava com dois cadastros: um de boa-fé e um de má-fé. Aí eu fui rever aquilo, né. Aí era do meu irmão, mas estava no meu nome. Aí eu tive que correr atrás, né, e o meu irmão estava em Goiânia. No caso, a minha mãe tinha dado um derrame, né. Aí nós mandamos ela pra Goiânia, porque eu tenho uns conhecidos em Goiânia. Aí meu irmão veio de Goiânia. Aí nós corremos atrás pra ver isso. Aí a FUNAI alegou: *“Não. Aí você tem que ter meio mundo de documentos que provam que você tem esse lote lá e que você está lá pra nós irmos lá de novo recorrer.”* Aí fizemos, né, aqueles documentos, aí colocamos o cadastro do INCRA, o financiamento que já tem no banco, o cacau plantado, a declaração da CEPLAC, que passou a semente na época pra nós e tal, né. Aí eles foram lá, né, e lá na época... Aí eram uns 12 mil pés de cacau, né. E aí levaram isso lá para Brasília e sumiram com isso para lá, né — a FUNAI. E aí ficamos esperando, esperando e aí quando chegou o laudo de vistoria dizendo que o meu irmão era de boa-fé... Aí quando fomos ver, dizia que havia duzentos e poucos pés de cacau na juquira. Aí eu peguei as fotos e mostrei para eles — e os recibos da produção que era vendida na CEPLAC lá em Tucumã. *“Ah, então tem que fazer um outro requerimento, para nós podermos ir lá fazer outra vistoria, de novo, para certificar se existe esse cacau”.* Aí fizemos outro requerimento. Aí eles foram de novo, agora próximo... Aí a indenização diz que é mil e pouco... Novecentos e poucos reais, não chega a mil reais a indenização. E o cara do INCRA enrolando para fazer o cadastro da terra. *“Ah, o seu irmão não fez o cadastro da terra, tem que aguardar o cadastro e só Deus sabe quando...”* Isso foi o que o cara do INCRA falou. E aí está nessa aí, né. E aí inclusive na pressão...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual cara do INCRA?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Os que já saíram e o que está agora.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É. E o que está agora.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor sabe o nome dele?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não. Não lembro, não, mas o primeiro era um senhor de... Robson, né? Robson, que inclusive... Para eu receber um lote na Belauto... Aí quando eu fui lá com o Robson... Porque aí nós temos um documento assinado por um Ministro que fala em energia, estrada, escola e na casa. Aí o cara vem me oferecer 6 metros de plástico — me ofereceu 6 metros de plástico o Sr. Robson, um à toa aí do INCRA. Geralmente, no INCRA, só vem cabra à toa, só vai cabra à toa. E aí a situação é essa aí, né. De 1994 já se passaram quantos anos? Aí a indenização... Aí saiu nove mil e pouco, não chegou a 10 mil reais. Aí eu estava com a mulher com problema de saúde, porque estava sendo operada. Aí peguei, né. Só que eu continuo no meu lote lá. No caso, o lote da Belauto um outro cidadão grilou. Não tinha nada a ver e grilou. Eu falei: *“Não, quem tem que ir lá resolver esse problema são a FUNAI e o INCRA, né”*.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é a sua área lá em São Francisco?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Lá são 10 alqueires.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Dez alqueires?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E quanto lhe ofereceram lá na Belauto?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Lá diz que uma média de 7 a 8 alqueires.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O senhor falou que recebeu os 10 mil reais de indenização.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, nove e pouco, não chegou a dez.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - E isso aí paga?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, não paga... Não paga... Não paga, não.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Só para nós termos uma ideia, só para repor os pés de cacau, quanto é preciso?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, eu tinha lá um... Eu tinha 4 mil pés de cacau, né. Só que quando eles foram, aí tinha queimado. Aí eu replantei, né. Aí eles se basearam em mais ou menos mil pés de cacau — no laudo da FUNAI, né, no caso.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum, hum.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - E aqui do meu irmão, na época, eram 12 mil pés, né, só que foram zelados só 5 mil pés.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Cinco mil. E esse seu irmão está onde?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Meu irmão está em Tucumã hoje.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está em Tucumã.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Está.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ele saiu lá?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Nós estamos colhendo lá, né, *(ininteligível)*, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ele recebeu... Ele não...

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, ele não recebeu nada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não recebeu nada?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Nada, nada, só que nós estamos colhendo lá o cacau. Selando o cacau e colhendo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor está cuidando da área dele também?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É, nós estamos colhendo o cacau, colhendo só o cacau.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Vocês foram assentados para todo o efeito. Qual é a história desse local? Era uma fazenda de alguém?





O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Era uma fazenda.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - De quem?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Aí negociou com o Sr. Wilson Torres.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Wilson Torres?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O INCRA comprou dele?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, eu não sei como foi, né. Eu sei que pertencia a ele lá essa área, né. Fazenda São Francisco. Aí se deu o nome de assentamento São Francisco.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum, hum.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - E aí a situação é essa, né. E aí já fui não sei quantas vezes a Brasília e a FUNAI só empurrando, empurrando e não decide, não desenrola nada, né. E aí eles ampliaram a área, né. A área era de duzentos e poucos mil hectares. Aí hoje foi para 773 mil hectares. Então cresceu — eu acho — fora do normal, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantas famílias existem lá na Fazenda São Francisco?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, hoje, dos que foram assentados na época, são poucos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não, mas eu digo todos, o total de pessoas.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Ah, tem muita gente lá na área, tem muita gente. Agora, dos que foram assentados mesmo tem pouco, porque a situação, né... O INCRA nunca ajudou em nada, né. E aí muita gente desanimou, desistiu, né. Mas têm outras pessoas, né. Tem muita gente na área. Existe muita produção de cacau, gado, leite, né. Tem financiamento. Inclusive eu tenho um financiamento, esse meu irmão tem financiamento. Inclusive, eu até estive no BASA aqui nessa semana passada. Aí negociei com o banco, porque já estava um pouco atrasado. Aí pagamos um pouco da parcela e parcelamos a outra, né. Aí o meu irmão tem financiamento, eu tenho um financiamento, meu pai tem financiamento, né, lá na área.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum, hum.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - E a situação é essa aí, não é?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nós temos tido denúncias na CPI de que, em alguns assentamentos, as pessoas que estão lá nos lotes não são aquelas pessoas que o INCRA botou o nome e que acabam indo buscar no banco financiamento, acabam recebendo vantagens. Aconteceu isso lá no Assentamento São Francisco, ou não?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É o seguinte: o Assentamento São Francisco, o INCRA não considera. Ele só considera quando tem o chamado RB. Eles não deram o RB para nenhum. Esse papel que eu tenho aí, deste que eu cadastrei, é de uma pessoa que sumiu lá no mato. Como ele tinha parente, na época, eu tinha um amigo conhecido que trabalhava no INCRA, em Tucumã, que era o finado Gonçalo, aí eu fui com ele, porque até os documentos sumiram, para a gente conseguir localizar o documento, porque isso aí fica escondido lá no INCRA. Eu fui lá e falei: *“Gonçalo, aquele cidadão assim, assim sumiu. Já está com 2 meses que ele sumiu lá, ninguém dá notícias. As coisas dele estão lá jogadas.”* Aí ele me deu um xerox deste papel para a gente ver se localizava o documento dele, mas nunca localizamos. Aí depois, com 2 meses, achamos ele morto dentro de um córrego. Os vizinhos caçando acharam. Isso aí fica escondido no INCRA. Depois que a gente começou a apertar o INCRA, eu acho que isso aí eles jogaram no mato, né? Porque dizem que, para mexer na Justiça, dizem que tem que ter prova. *“Tem prova? Tem RB?”* Quando a gente aperta o INCRA, a primeira coisa: *“Vocês não têm RB”*.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mas eu não entendi qual é o vínculo? O que tem a ver a morte desse senhor com o que nós estamos falando?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, porque ele tinha sumido. Ele sumiu, e aí nós não tínhamos documento nem nada. Aí tinha que localizar parente dele para avisar, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o INCRA não tinha nada?





O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - O INCRA tinha esses documentos de todos, os que o INCRA levou. O cadastro o INCRA tinha. Aí tinha o Gonçalo, que era amigo meu, no INCRA, na época, em Tucumã. Aí eu fui com o Gonçalo. Aí o Gonçalo me deu um xerox desse documento, desse cadastro aí, porque isso aí fica no INCRA.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quer dizer que, se ele quiser, ele tem os documentos lá?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Eu acho que o INCRA deu fim nisso já, porque, quando a gente aperta, eles falam: "*Não, vocês não têm nada aqui, não. Não têm documento. Não têm nada.*" Dizem que, para ir para a Justiça, tem que provar, né? Aí eu consegui isso aí com o finado Gonçalo. Para todos que foram para lá, foi feito esse cadastro aí. Só que aí o INCRA não fez o RB, porque dizem que só dá direito quando tem o RB de financiamento, essas "coisadas"...

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Quando foi a primeira vez que o senhor ouviu falar de indígena lá na sua região?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Depois de uns 2 anos. Só que lá nunca andou índio não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor soube que iam fazer a demarcação?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Desse tempo que eu estou lá, eu nunca vi índio lá na área. Na nossa área, eu nunca vi índio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Até hoje não tem?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Nunca vi. Se tem na nossa área, eu nunca vi. Na área do São Francisco, eu nunca vi índio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor conhece esses indígenas parakanãs?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, Não conheço, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nunca viu?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, nunca vi não.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Antes de ir lá para o assentamento, o senhor morava onde?





O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Tucumã.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Tucumã.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É, Tucumã. Inclusive eu continuo quase morando, porque eu tenho filho estudando em Tucumã, lá não tem escola. Eu tenho três meninas, duas que estão fazendo agora ensino médio, e aí lá não tem escola. Mas só que eu fico lá dentro direto. Eu fico lá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E agora o que o INCRA e a FUNAI falaram para o senhor? O senhor conseguiu o RB agora para...

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, não, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não lhe deram o RB.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, tem o RB dizem que da Belauto. Só que lá o lote um outro invadiu o lote da Belauto, uma outra pessoa invadiu. Eu falei: *“Não, se depender de mim, eu não vou lá nunca. O cara morre lá e fica lá a vida toda.”* Eu estou numa confusão, vou sair de uma confusão e vou para outra? Só que, de vez em quando, a Federal e a FUNAI vão lá no meu barraco. Na semana passada, eles foram lá ameaçar derrubar meu barraco. E aí meu barraco está cheio. Eu tenho que fazer outro barraco. Só que um vizinho lá botou fogo e queimou a madeira tirada. Aí tem que tirar outra madeira e tem que pagar. Eu falei: *“Rapaz, vocês derrubam um barraco deste aqui que já está caindo... Aí tem o que para derrubar aqui mais? Aqui não tem mais o que derrubar não. Aqui não aguenta nem este inverno. Deixa o barraco cair, rapaz, por conta que já está caindo.”* Mas, de vez em quando, eles vão lá no meu barraco, a FUNAI com a Federal, pressionar. Só que aí o meu lote lá é assim: o córrego, no caso são 10 alqueires, o córrego passa no meio; aí ficou uma beirada para lá, outra para cá. Eu estou na beirada de cá. Aí estou vizinho lá, né? Aí dizem que é para eu sair, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E o senhor quer sair de lá e vir para a Belauto?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, eu não quero sair não. Para vir para Belauto, não. Naquela situação ali... é morrer debaixo de 6 metros de plástico, como eu falei lá para o cara. *“Rapaz, eu vou vir morrer...”* Eu já estou com problema de pressão, inclusive eu estou aqui tendo uma suadeira danada. *“Rapaz, você quer*



que eu vá morrer lá na Belauto, depois de 22 anos?” Eu falei pro cara: “*Eu tinha que ir para uma mansão com ar-condicionado. Não está aqui o documento, que é com casa, estrada e tudo, assinado pelo Ministro? Aí quer que vá para lá para debaixo de seis metros de plástico, né?*” Essa é a relação do povo que pegou financiamento lá da área São Francisco, né.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Seu Jânio, o senhor pode nos dar cópia desses documentos?

(Não identificado) - Já estão tirando.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O senhor foi a uma reunião com o Ministro e ele te entregou esse documento assinado?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, isso aí, foram várias pessoas que foram, inclusive o Paulinho estava, era muita gente que estava junta, né. Foi muita gente. Nós passamos parece que uns 2 meses em Brasília, na época era o Denimar, que era o Prefeito. Aí fala que é casa e tal.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - (*ininteligível*) não cumpriu o que prometeu?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Até agora só empurrando com a barriga, não é. E pressão muita, muita pressão, inclusive estão até derrubando casas lá, de alguns vizinhos derrubaram.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Como é que vocês estão se sentindo com essa situação toda?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - A situação é muito desumana, a situação é desumana. Eu acho, vamos supor, esse documento aqui. Eu acho que vai fazer 5 anos agora que o Ministro assinou esse documento, se eles quiserem fazer uma coisa respeitosa, por que não fazem uma programação e pagassem às pessoas geralmente o valor que vale? Digamos se a terra do Paulinho vale 1 milhão, paga ao Paulinho 1 milhão, se a minha vale 100 mil, paga a minha 100 mil. Agora, chegar querendo empurrar... Não vale nada, o cara, depois de 22 anos trabalhando, não vale nada. Tem muita gente lá que até agora por eles não vão receber é nada, que não tem nem onde morar e vão para onde? Um cidadão da roça, que só sabe trabalhar na roça, o que ele vai fazer mesmo? Vai para o corredor morrer? Inclusive lá tem um vizinho meu que é de dar dó. Ele está até quase morto lá; eu saí de lá





semana passada, meio doente, ele estava lá ruim e sem condição de nada, que a FUNAI chega lá pressionando aí o cara já sem condição, de idade, vai fazer o quê?

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - Seu Jânio, lá no assentamento e fora do assentamento, o senhor sabe me dizer se a maioria é pequeno produtor, se tem grande, tem de tudo, como é que é?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Lá, tem pequeno e tem grande, não é, é todo mundo junto. Aí o pequeno ajuda o grande, o grande ajuda o pequeno, a vida é assim. Aí eu vou trabalhar para o Paulinho, o Paulinho me paga, eu estou ajudando a ele, ele está me ajudando, porque eu preciso, né. O Paulinho tem lá 2 alqueires de pasto para roçar e uma madeira para tirar, aí eu vou lá e tiro. Aí eu estou ajudando a ele e ele está me ajudando. A vida é assim: é um dependendo do outro, porque eu preciso trabalhar, e ele precisa do serviço, aí eu vou lá trabalho, ganho dinheiro; aí, se ele gostar do serviço, no próximo serviço, ele me chama de novo, "*Tem outro serviço lá, se quer ir lá?*" E assim vai levando a vida. Tem que ser junto, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, lá não há conflito entre pequeno proprietário e grande proprietário?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Que eu tenha conhecimento, não. Tem problema, porque geralmente, hoje, em dia, onde é que não tem problema? Mas conflito mesmo... Pois é, só que esse aqui, esse faleceu, depois de uns 3 meses, achamos ele lá dentro do córrego.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sr. Francisco Mariano de Souza, é isso?

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É, porque isso aí eles não dão, o INCRA não dá isso aí. Aí quando morreu esse cidadão, como o cara era amigo meu lá, o finado Gonçalo, que inclusive morreu também, eu fui com ele, eu falei: "*Gonçalo, o cidadão sumiu, já está com 2 meses que ele sumiu, as coisas dele estão todas lá jogadas*". Ele tinha roça, ele tinha muita coisa assim, que ele era do Ceará, ele era trabalhador, tinha milho, arroz, feijão, ele estava perdendo tudo. E aí nós temos que localizar parente e aí como é que vai localizar com documento? Ele era conhecido por apelido, ele era chamado de "puta merda".





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - *(Riso.)*

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - O apelido dele era “puta merda”, porque que ia conversar com a gente e tudo dele era: puta merda! Puta merda! E nós botamos o apelido dele de “puta merda”. Aí não sabia nem o nome dele. Aí eu fui com o Gonçalo e falei Gonçalo: “*O homem sumiu, e aí tem que localizar ao menos um parente dele, eu não sei de endereço, não sei do nome dele*”. Aí o Gonçalo: “*Não, eu vou ver se eu consigo umas xerox de uns documentos que têm aí. Se eu conseguir, eu passo para ti.*” Aí ele me deu isso aqui. Este cadastro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E você acharam os parentes dele?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Até hoje não conseguimos achar. Aqui fala que ele é do Ceará, de uma cidadezinha do Ceará. Quem tinha que correr atrás disso era o INCRA.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor pode nos explicar o que é RB?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - O RB é um documento do INCRA.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Que prova que vocês são assentados regulares?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Isso, só que o INCRA não fez.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É uma relação dos beneficiários do assentamento?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Isso. Todos que foram levados para lá têm esse cadastro. Só que eu acredito que eles deram um fim, porque, quando eu apertava o INCRA, eles diziam que não tinha nada: “*Não, vocês não têm nada aqui não e tal, não sei o quê*”. Isso aqui é um mapa, o INCRA tem um mapa grande, cada quadrinho desse aqui é um lote.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Esse é o mapa da área?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É do projeto.

O SR. LUCAS AZEVEDO DE CARVALHO - O lote do senhor é qual aqui?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Não, aí não dá nem para... Eu não me lembro, não. Eu não lembro, não.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tudo bem.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Ah, lembrando aqui do meu irmão, depois, nessa época aqui, eles foram lá de novo, nessa época — eu até anotei aqui —, aí o cara botou parece que 4.500 pés de cacau de novo, porque, no caso, eram 12 mil pés, só que foi zelado 5 mil. Quando o técnico foi lá agora de novo, porque nós recorremos de novo, ele falou: “*Então, nós vamos fazer outra vistoria*”. Aí foi e falou: “*4.500 pés está bom e tal?*” Aí o novo técnico da FUNAI botou.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E são 12 mil?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - É, só que foi zelado só 5 mil.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O que é zelado?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Que está limpo e produzindo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k.

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Aí você tem que roçar, limpar, podar, colher.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Zelado é que houve zelo?

O SR. JÂNIO FERREIRA DA SILVA - Que está produzindo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum, hum. O.k. Então, está bem. O senhor tem mais coisa que queira falar? Pode falar.

Dona Maria das Graças, a senhora pode pegar o microfone, por favor? Conte para nós qual a sua história.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - A minha história eu vou contar. O meu pai casou em Altamira e subiu para o Alto, que chamava Alto Xingu. Aí ele veio fazer casa em Bom Jardim. Aí ele formou uma família de nove filhos. Lá ficou, ficou, e ele faleceu. Nós ficamos, eu arrumei marido, tive sete filhos, tudo nesse lugar, aí ficamos tudo junto, que era a família do Brasil, tudo era perto, tudo assim. Aí ficamos todo tempo, e a minha mãe faleceu aqui em São Félix do Xingu. Nós voltemos e fomos para lá. Quando chegamos lá, a FUNAI já tinha saído de dentro desse... o pessoal já tinha saído de dentro de Igarapé, que era a aldeia lá, tinham saído e se mudaram, aí ficaram. Ficaram, e nós misturados com eles...



O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Deixe-me entender, a senhora morava na beira do Rio Xingu?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - É, na beira do Xingu.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Perto do Bom Jardim?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - No Bom Jardim mesmo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na foz do Bom Jardim?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - É, na beira do rio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em que ano era isso? A senhora lembra que ano era?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, não me lembro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A senhora se lembra se era década de 70, década de 80?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não existiam esses índios. Eu nasci e todos os nossos irmãos e não tinha índio.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hã, hã.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Aí nós ficamos. Aí foi como eu estava lhe dizendo, o meu pai faleceu, ficamos todo o tempo lá junto da minha mãe, todo tempo lá nesse lugar, em Bom Jardim.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A senhora nasceu lá?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Nasci, sim, senhor.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Que idade a senhora tem?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Estou com 67 anos, completei agora no dia 8.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Com 67 anos, a senhora nunca tinha visto indígena lá?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Só nos últimos tempos?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Só.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Está bem. Pode continuar.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Aí ficou, ficou, aí nós fiquemos lá, quando aí chegaram e eles assentaram. Vieram para redor de nós, aí os funcionários ficavam lá, abusando de nós, dizendo, falando, alterados, que lá nós sabíamos. Aí eu respondia a eles que nós não sabíamos que lá, quando nós... Eu nasci e me criei lá. Não era área indígena. Lá era...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Os funcionários da FUNAI é que diziam que era?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Era... Muitos deles chegavam, dentro da minha casa, e diziam muita coisa, né?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em que ano foi isso?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Está com uns 18 anos isso. Foi no ano que eu vim embora pra cá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hã, hã.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Pra São Félix. Aí eles ficaram, e ficaram, e falavam demais, sabe, me abusavam. Chegavam, dentro de casa, e me abusavam muito, sabe? Eles me humilhavam e eu não sabia fazer o quê, né, calada, né? Aí eles tomaram mesmo de conta, né, aí eu vim embora pra cá, pra São Félix, lutando, cozinhando, nas cozinhas alheias, andando pra mata. Era assim. Aí eu fui pra Altamira. Aí, quando cheguei lá, o Benigno foi e mandou me chamar um dia. Aí eu fui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quem que mandou chamar?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - O Benigno, o Chefe da FUNAI, em Altamira. Aí, quando eu cheguei lá, ele mandou, aí ele me perguntou que tinha isso. Aí eu falei pra ele tudo. Aí ele disse: *“Pois é, vão ser indenizados vocês, a família de Brasil vai ser indenizada. A senhora tenha calma.”* Eu disse:





“Não, eu espero”. Aí ficou, ficou. Aí, quando foi, está com uns 4 anos, aí eu estava em Altamira. Aí eles chegaram. Aí eu estava na casa e aí chegou lá o funcionário da FUNAI: “D. Graça, estão lhe chamando pra senhora ir lá”. Aí eu fui. Aí ele disse: “A senhora vai pra São Félix que eles estão indenizando. A senhora tem que ir pra lá.” Aí, quando eu cheguei aqui, aí eu cheguei, aí eu fui lá. Quando eu cheguei lá, aí tinha um pessoal da FUNAI. Eu não sei o nome dele, não perguntei quem era. Aí eu disse assim: “Está meu nome aqui?” Ele disse: “Não. Como é o seu nome?” Eu disse: “Maria das Graças. Eu estou aqui porque o chefe mandou, que disse que era pra ser indenizada, que vocês iam me indenizar e me dar uma terra”. Aí eles ficaram caçando. E me receberam mal, sabe? Aí eu fiquei assim... aí eu fui e pedi: “Dá licença, eu vou embora”. Aí ficou, passou. Aí, quando eles chegavam de novo, eu ia lá. Aí: “Não, não está seu nome, aqui não está seu nome”. Aí ficava assim toda vida. Aí eu fui e disse pra eles: “Olha, eu não sei ler, eu não sei... Olha, esse papel foram eles que me deram, aqui, e me mandaram vir pra cá. Eu estou aqui porque eles me mandaram, porque eu não ia vir aqui sem eles me mandarem, né?” Aí eles ficavam, faziam perguntas. Aí eu fui e falei pra eles: “Não, lá, quando eu morava, quando eu nasci lá não era área indígena, não era lá”. Aí eles ficavam me maltratando demais, sabe, assim, desfazendo, querendo dizer que eu estava mentindo, né? Aí nesse dia eu fui e falei pra eles, contei esse caso que era do Mucuí. Eles tinham saído lá no garimpo dele, do Elói. Nessa hora eu falei (*ininteligível*) apelido dele, né? O nome dele é Elói Viana da Silva. Aí eles ficaram e ficaram... Aí eles estiveram aqui. Esses dias eu fui lá, nada, nada! Tanto meus irmãos... Nós somos seis irmãos que ainda estamos vivos. Nada eles...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E, quando a senhora saiu de lá, deixou casa, deixou tudo?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Deixei tudo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Vocês tinham comprado essa posse lá? Como é que...

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, não, lá...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Vocês ocuparam só a área?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, era...





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Com o seu pai? Como é que aconteceu isso?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, ele chegou — porque nesse tempo não tinha negócio de vender terra, de comprar terra —, ele chegou, de Altamira, casado, aí foi e abriu esse lugar lá, essa morada. Aí ficou, aí foi a família. Nós éramos nove irmãos. Nós arrumamos, as mulheres arrumaram marido, tudo lá nesse lugar. Nós não sabíamos o que era cidade.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tem mais gente que mora perto, que morava perto lá?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Tem, está tudo... tem, meus irmãos ainda estão...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles moram junto da aldeia ou próximo?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Moram... Eles moravam. Saiu tudo, saiu tudo. Só existe um sobrinho meu lá, mas a família nossa já saiu toda.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Esse seu sobrinho está dentro da aldeia?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Vive lá fora, assim, da aldeia, mas é perto.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É perto.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - É bem pertinho, uma ilha.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - As outras pessoas com que vocês tinham relacionamento...

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Que nós...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - ...eram ribeirinhas?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Eram ribeirinhas, nós éramos ribeirinhos. Saiu tudo, tudo, tudo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E os indígenas, eles agrediam vocês também? Ou só os funcionários?





A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, só os funcionários que ficavam muito abusando. E ficavam, aí abusavam, diziam muita coisa, sabe, que me maltratava. Eu não sabia o que era direito, eu não sabia nada. O senhor está entendendo como era?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hum, hum.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Pois é, era assim.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E, aí, até hoje a senhora não recebeu nada?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Até hoje eu não recebi nada. Nada, nada, nada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E esses indígenas a senhora nunca tinha visto ali?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, nunca eu tinha visto.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A senhora lembra quantos eles eram?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Não, não me lembro, não.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eram bastantes? Eram poucos?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Eram bastantes. Eles vinham, assim, eles saíam de lá, vinham em casa. Aí, o chefe ficava falando que não era pra nós consentirmos. Eu dizia pra ele que eu não ia jogar eles de casa pra fora, né? Eles diziam: "*Vocês não aceitem eles dentro de casa*". Eu dizia pra ele: "*Eu não posso fazer nada. Eu não vou chutar eles nem nada.*" Eles chegavam, pediam comida, eu dava. Ainda hoje tem um índio que ainda fala pra mim isso, que eu dava coisa, sabão, essas coisas, eu dava pra eles.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é o nome dele, a senhora lembra?

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - O nome dele, na gíria, é Sapinho.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Sapinho?





A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - É, Sapinho.

(Não identificado) - Cururu.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Cururu, ele gosta demais. Pois é.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então tá.

(Não identificado) - Este documento aqui é o que Benigno deu pra ela, dizendo que há 58 anos ela morava na área lá.

A SRA. MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DA SILVA - Morei 58 anos.
(Pausa.)

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mais alguma coisa?

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Prefeito, por favor, fale para nós, então. Vamos ouvir o Prefeito João Cleber. Fale-nos o que está causando, aqui na cidade, essa comoção total.

O SR. JOÃO CLEBER - O problema é o seguinte: o INCRA mais a FUNAI estão querendo fazer uma desintrusão de uma área chamada Apyterewa, que é uma área que era de duzentos e poucos mil hectares, e estão passando para 783 mil hectares. E nessa desintrusão tem um problema com a Belauto. Existe um problema judicial que se arrola há anos, e não se resolve o problema lá da Belauto, para fazer o assentamento.

Desde que eu assumi, eu venho acompanhando, e resolvi entrar agora nessa questão. O Município resolveu entrar nessa questão, porque a gente tem um problema social muito grande, porque, nessa área da Apyterewa, existem mais de 2.500 famílias, e o Governo está fazendo essa desintrusão. E vai botar esse pessoal onde? Como é que vai fazer com esse pessoal que está lá dentro?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso dá o quê, em torno de 10 mil pessoas?

O SR. JOÃO CLEBER - Dá em torno de umas 7 mil pessoas. Vamos botar aí 2.500 famílias, 3 pessoas por família. Vai dar, mais ou menos, 7 mil pessoas. Então, é o seguinte: como é que se vai resolver esse problema? Porque o que eu vejo é o seguinte: o INCRA quer fazer a desintrusão, fazendo assentamento, diz que de





quatrocentas e poucas famílias, lá na região da Belauto, que tem um problema deles lá dentro. E o resto das pessoas que estão lá dentro? Vão botar onde? Como é que eles vão fazer com esse pessoal? Vão jogar em cima do Município?

Já chega dessas questões que o INCRA tem aqui. O INCRA tem aqui 18 assentamentos, tem mais de 2.500 quilômetros de estradas vicinais, não aporta recurso para o Município. O Município, no ano passado, foi beneficiado com apenas 103 quilômetros de estradas vicinais, dos 2.500. E, para esses 103 quilômetros, não saiu o dinheiro todo. Só saiu uma parte, e estão aí as estradas paradas, dos 103 quilômetros.

Então, não adianta o INCRA criar favelas rurais aqui dentro. Então, é mais um problema que estão criando aí, essa situação toda, além de causar esse grande problema no nosso Município, que é um problema social. Esses pais de família vão ficar aqui no meio da rua; seus filhos, provavelmente, vão pra marginalidade. Como é que se vai fazer, se esse pessoal não tem emprego? O Município não tem emprego. E esse pessoal todo que vive trabalhando lá...

Eu conheço isso aí; eu estava vendo aí, desde 1983 que eu conheço também aquela questão lá. Eu andei muito naquela região, conheci a aldeia. Antes tinha uma pista a 16 quilômetros da beira do rio e outra na boca do Bom Jardim. Eu conheci todas as moradas. Eu já andava nesse tempo fazendo pesquisa também nessa região aí do Rio Xingu e conheci essa aldeia lá. Na época que estive lá nessa aldeia... A primeira aldeia deles... Deve ter sido em 86 que eu estive lá a primeira vez. Dá uns 12 ou 14 quilômetros da beira do Xingu até lá. Depois, eles vieram pra beira do Rio, no Mucuim. Tinha uma pista também que tinha uma morada. E eu fui conversar com eles, saber da história. Esses índios vieram de uma confusão entre eles de etnias lá da Transamazônica, lá perto de Novo Repartimento. E vieram fugidos para ali. Tiveram uma briga, entre eles, depois tiveram outra briga com os assurinins, ali chegando já perto do Bom Jardim. E, com essas questões todas, vieram, se alojaram na boca do Bom Jardim com o Xingu.

Na época que eu estive lá, eram 70, 90 índios, e eles vieram. Na época, o Gerson era o Chefe da FUNAI lá na aldeia e o Benigno era o Chefe da FUNAI em Altamira. Eles nunca tinham visto... A questão da demarcação... Eu tenho certeza do seguinte: eles jamais, jamais, vão de onde eles estão, da beira do Rio Xingu, lá para





a Região do São Francisco, para aquela região. Eles nunca vão ter condição de ir para lá, porque dá mais de 120 quilômetros de linha reta para lá. A gente quer voar lá amanhã e mostrar para vocês como é impossível eles irem para lá.

Além do mais, temos a questão que foi um mandado judicial para fazer uma desocupação em 10 dias. É humanamente impossível fazer essa desintrusão em 10 dias. Nem em 90 dias, 100 dias não tem condição de fazer uma desintrusão dessas aí, você tirar 2.500 famílias sem saber onde vai botar. É humanamente impossível.

Então, aqui eu quero deixar bem claro que o Governo fez um acordo: essas famílias que viriam para Belauto só viriam depois que tivesse a infraestrutura para poder fazer o assentamento desse pessoal. E tem essa questão judicial do espólio, que eles não conseguem, até hoje não conseguiram, resolver definitivamente. Então, a gente tem que fazer as coisas com responsabilidade. Não adianta o Governo querer botar as coisas no Município goela abaixo, porque quem sofre na ponta são os Municípios, a população que mora aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Mais alguma coisa os senhores querem falar, Prefeito, seu Jânio? O Mucuí já foi embora? *(Pausa.)* D. Maria das Graças, a senhora quer falar mais alguma coisa? Seu Jânio, o senhor...

Como é seu nome?

O SR. DENIMAR RODRIGUES - O meu nome é Denimar Rodrigues. Sou ex-Prefeito, de 2005 a 2008. Foi justamente o período em que foi assinado o decreto de expansão. Tive a oportunidade de acompanhar a Comissão, por várias vezes, em Brasília. Do que o Jânio está colocando aí nós fomos testemunhas. Em 2008, 2009, nós estivemos lá, discutindo, inclusive com Ministro, com Presidente de FUNAI, essa situação desse pessoal que estava nessa área, então antes de pretensão, né? Antes da assinatura do decreto, nós estivemos lá em 2006. E o que a gente vê, reforçando o que foi dito pelo atual Prefeito, o João Cleber, é que essa situação é uma situação gerada pelo Governo Federal, gerada pela FUNAI, né? No sentido de expandir essa reserva indígena, ele causou um problema social muito grande, porque... Desde 1985 eu conheço a região, também. Estive lá na Taboca, na época inclusive antes de ter até estrada de acesso, porque antes o acesso era só via Rio Xingu. Tive oportunidade de ir inclusive a pé uma época, né, que estava ainda sendo





pesquisada a estrada. E a gente já ouvia o pessoal falar de entrar na região, comprar terra, né, naquela área do São Sebastião, do outro lado do rio, e que, até aquele momento, não havia nenhuma posição do Governo Federal, da FUNAI no sentido realmente de estabelecer que aquilo era área indígena. A região da São Francisco, que é a estrada que vai ao assentamento Sudoeste, Lindoeste, nós conhecemos também desde essa época, porque o Município dá assistência lá também nessas regiões. E também existia já, desde essa época, esse assentamento São Francisco, né, que já trabalhava com a comunidade e com o Município. Então, o que houve, de certa forma, com a mudança de Presidente da FUNAI — foram quatro Presidentes que mudaram só no intervalo de 2006 até 2010, 2011 —, nessa última reunião que foi colocada aqui pelo Jânio, foi essa descontinuidade das políticas do Governo Federal. A questão do INCRA... Não só no PA São Francisco, nós temos grande dificuldade nessa relação com o INCRA, porque são assentamentos criados distantes do centro urbano, né, sem assistência técnica, sem as menores condições de infraestrutura, onde coloca o Município como responsável. Na época, em 2005, ainda tivemos oportunidade de ver, foram muitos problemas de doença naquela região da Sudoeste, na região lá da Lindoeste, nos Murad, na Mula Preta, em regiões de assentamento, onde se passava ali por aquela região da São Francisco. E, desde essa época, aquela região começou a ser colonizada, porque o Governo induziu a ocupação dessas regiões, criando assentamento, criando não só esse da São Francisco, mas Mula Preta, Cascalheira, PA Sudoeste, né, de certa forma, a uma distância do centro urbano de 240 quilômetros, que passava já dentro dessa área de pretensão. Então, o Governo Federal, ele foi o maior responsável pela indução e ocupação dessa região como um todo.

(Não identificado) - O senhor estava falando que em 2006 abriu uma estrada, que o senhor não conhecia?

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Não. A estrada já vem desde antes. Em 84 já tinha uma estrada de acesso a essa região. Em 92, começou-se a cogitar esse assentamento, o assentamento naquela região, o assentamento lá da Sudoeste, o da Lindoeste, né? E essa estrada que deu acesso a esses novos assentamentos que foram criados na década de 90, essas estradas passavam já dentro dessa área





de pretensão. É a estrada que passa dentro da São Francisco, que foi depois criado esse assentamento.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, esse assentamento São Francisco, ele veio, também, junto com vários outros que foram feitos?

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Com vários outros.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Próximos assim?

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Próximos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor pode no mapa, aqui, apontar? São Francisco é aqui, né?

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Para que rumo está aqui a Sudoeste? Esta aqui é a estrada, né? (*Pausa.*) Olha, aqui é a estrada. O Município de São Félix está para cá, né? Aqui passa a estrada. Você entra na área de assentamento, sai, entra e sai. Inclusive, teve uma época em que nós fomos impedidos, depois da assinatura do decreto, de fazer qualquer coisa na estrada, né, para dar assistência a essas comunidades aqui da Sudoeste, que são os maiores assentamentos do Município de São Félix do Xingu. Então, todos esses assentamentos foram criados nessa década de 90, né, e foram justamente os maiores indutores da ocupação dessa região. Inclusive a Taboca. A Taboca, quando o Governo Federal assumiu o espólio da Mibrel, dessa região da Mineração Taboca, quando o Governo Federal assumiu esse espólio, o INCRA pagou uma indenização, né, à pessoa que ficou lá dona disso aí tudo. Inclusive, é uma questão nossa para discutir ainda com o Governo Federal, porque aí tem um impacto ambiental da mineração, que ela tinha a responsabilidade de recuperar, né, esse passivo ambiental que ela deixou. A maior comodidade dela foi passar aquilo para o Governo Federal, para o INCRA, que assumiu, criando os assentamentos aqui, o assentamento São José, o assentamento São Sebastião, que foram áreas também, os assentamentos, que, de certa forma, incentivaram a entrada nessas outras regiões, todas elas limítrofes dessa área onde foi criada a reserva.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E na reserva original tem alguém que invadiu, entrou ou loteou lá, ou não, na reserva inicial, aquela primeira demarcada?

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Não, que eu tenha conhecimento não. Ninguém ultrapassou aquela original que era.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então os assentamentos foram feitos onde não era reserva.

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Foram feitos onde não era reserva.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Que agora são atingidos por essa ampliação.

O SR. DENIMAR RODRIGUES - Positivo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O.k.

Damos por encerrada, então, a nossa reunião, agradecendo a gentileza e a presença de todos. Muito obrigado.

Vamos levar o que for de melhor de informações para que os Srs. Parlamentares possam tomar as decisões e as medidas que lhe couberem.

Muito obrigado e uma boa noite a todos.